

PROFETISAS NA BÍBLIA E A DEFESA TEOLÓGICA DA FALA PÚBLICA DE MULHERES NA REUNIÃO CRISTÃ

PROPHETESSES IN THE BIBLE AND THE THEOLOGICAL DEFENSE OF WOMEN'S PUBLIC SPEAKING IN THE CHRISTIAN MEETING

Vik Zalewski Baracy¹

RESUMO: O silêncio das mulheres em ambiente público e religioso foi objeto de discussão na Teologia ao longo dos séculos. Apesar disso, a Bíblia contém inúmeros relatos de mulheres profetisas ou mulheres que profetizaram. Para o Antigo e o Novo Testamento, o profeta era um enviado de Deus, mensageiro e porta-voz que falava em seu nome. Embora existissem profetas nos povos vizinhos a Israel, a profecia ocupa um lugar tão central para o povo hebreu que textos proféticos abrangem grandes porções da Bíblia Hebraica. Sabendo que mulheres nos tempos bíblicos estiveram envolvidas com a atividade profética, teólogas cristãs argumentaram em defesa da fala pública feminina na igreja a partir das descrições bíblicas dessa atividade, tendo como finalidade a proclamação do Evangelho.

¹ Mestre em Letras pela UFPR, licenciada em Letras pela UFRGS e estudante de Teologia na Faculdade Luterana de Teologia. E-mail: viktorya.zalewski@gmail.com.

PALAVRA CHAVES: Mulheres profetisas, Profetismo, Pregação, Debate teológico.

ABSTRACT: The silence of women in public and religious settings has been the subject of discussion in theology over the centuries. Despite this, the Bible contains numerous accounts of women prophets or women who prophesied. For the Old and New Testaments, a prophet was an envoy of God, a messenger and spokesperson who spoke in his name. Although there were prophets in the peoples neighboring Israel, prophecy occupied such a central place for the Hebrew people that prophetic texts cover large portions of the Hebrew Bible. Knowing that women in biblical times were involved in prophetic activity, Christian theologians have argued in defense of women's public speaking in the church based on biblical descriptions of this activity, with the aim of proclaiming the Gospel.

KEYWORDS: Women prophetesses, Prophetism, Preaching, Theological debate.

INTRODUÇÃO

A fala pública feminina esteve sempre sob tensão. Aristóteles, empregando as palavras do poeta Sófocles, afirma que “o silêncio dá encanto à mulher” (*Política*, I, 1260a30). Mesmo caminho argumentativo foi seguido por teólogos cristãos. Tomás de Aquino explica que a graça da palavra não é concedida às mulheres no uso público à assembleia devido a sua condição de submissão; além disso, as mulheres geralmente não alcançam a perfeição da sabedoria, e a concupiscência dos homens poderia

ser despertada por esse uso público da palavra (S. Th., II-II, Q. 177, art. 2, *Respondeo*). Lutero, em uma de suas conversas à mesa, afirma que as mulheres eram muito competentes para falar de assuntos domésticos, a ponto de superar Cícero em eloquência, mas não competentes para discursar sobre outros assuntos, dos quais falavam tola e irrefletidamente (Karrant-Nunn; Wiesner-Hanks, 2003, p. 28).

Embora a opinião de filósofos e teólogos ao longo dos séculos nem sempre tenha refletido a realidade cotidiana, a fala pública de mulheres, especialmente no contexto religioso cristão, nunca deixou de ser assunto controverso. Sobre alguns dos missionários protestantes pioneiros no Brasil, Almeida afirma que "os missionários estadunidenses permitiam a fala das mulheres apenas em ambientes privados e para pessoas de seu próprio sexo ou para crianças" (2022, p. 245). Relata-se que, na primeira igreja batista da Bahia, na década de 1880, mulheres não podiam falar, senão nas reuniões de oração que aconteciam na terça-feira antes do quarto domingo do mês (p. 68). Frida Vingren, missionária sueca pioneira das Assembleias de Deus ao lado do marido, Gunnar Vingren, viajou para o Brasil em 1917; talentosa, enfrentou oposições em relação à sua liderança e pregação, pois outro missionário sueco, Samuel Nystrom, cria que não era bíblico que a mulher pregasse ou ensinasse (Carvalho, 2024).

A resistência à fala pública feminina no meio cristão foi ancorada principalmente por interpretações dos textos bíblicos de 1Coríntios 14:33-34 e 1Timóteo 2:11-25, trechos nos quais o silêncio da mulher é tematizado, além das influências culturais de cada época. Apesar disso, outros textos parecem entrar em tensão com o silêncio feminino. Em 1Co 11:5, lê-se sobre a mulher que profetiza na assembleia. Em Atos 2, há o relato dos crentes falando em diferentes línguas conforme capacitação do Espírito Santo, justamente quando estavam reunidos, e a respeito disso Pedro ecoa as palavras do profeta Joel,

que dissera: “[...] os seus filhos e as suas filhas profetizarão [...]” (At 2:14). Outros exemplos estão no Antigo Testamento, no qual profetisas como Miriam, Débora e Hulda profetizaram.

Tais tensões no texto bíblico já são percebidas há séculos, de forma que a presença de mulheres profetisas ou que profetizavam na Bíblia acabou por tornar-se um argumento na defesa da fala pública cristã das mulheres. Compreendendo a profundidade do profetismo bíblico e os relatos sobre mulheres profetisas do Antigo e Novo Testamento, o crente contemporâneo confia que Deus continua empoderando, com seu Espírito, mulheres para falar em seu nome hoje.

1 PROFETISMO NO ANTIGO TESTAMENTO

Milenar é a ideia de que Deus se comunica, mas as maneiras pelas quais o ser humano procura ouvi-lo variam. No contexto do Antigo Oriente Próximo, no qual as pessoas ansiavam por descobrir a vontade dos deuses, elas costumavam fazê-lo por meio da adivinhação dedutiva – como a observação dos fenômenos naturais, das vísceras de animais ou da água misturada com óleo (Imes, 2019, p. 34). Nesse tipo de vaticínio, “os praticantes introduziam um mecanismo mediante o qual os deuses podiam se comunicar e, então realizavam rituais apropriados para induzi-los a se comunicarem” (Walton, 2021, p. 268). Com exceção da consulta ao Urim e Tumim (Nm 27:21; Ed 2:63) – que deixava pouca margem para interpretação –, a adivinhação dedutiva era expressamente proibida pelo Deus de Israel (Dt 18:10-11), de forma que Deuteronômio condena os “[...] prognosticadores e adivinhos [...]” (Dt 18:14), a quem os povos pagãos ouviam. O povo de Iahweh deveria, no entanto, ouvir o profeta que ele enviasse (Dt 18:15). Bottéro (2001, p. 171) classifica essa forma de comunicação divina como adivinhação inspirada, isto é, quando a divindade escolhia um intermediário para sua mensagem, com pouco espaço para a interpretação humana.

O uso de profetas para a proclamação das palavras de Iahweh está de acordo com a revelação que ele faz de si mesmo. Na concepção judaico-cristã, Deus é um Deus que se revela, e ele o faz principalmente por meio de sua palavra. É por ela que Iahweh cria o mundo (Gn 1:3) e abençoa os seres humanos (Gn 1:28). Ele também anuncia sua palavra por meio de seus intermediários, como os profetas e os sacerdotes, ou, em um sentido mais abrangente, por meio de Israel (Walton, 2021, p. 94), povo pelo qual mostra sua vontade ao mundo. Essa autorrevelação culmina em Jesus Cristo (McGrath, 2005, p. 247).

A extensão na qual Deus revela seus planos e atributos no Antigo Testamento é incomum entre outros povos no Antigo Oriente Próximo, especialmente ao se observar os livros proféticos (Walton, 2021, p. 36). Embora a profecia não fosse exclusividade de Israel (Hildebrandt, 2008), ela assume contornos bastante únicos entre o povo judeu, de forma que a literatura profética compõe grande parte do Antigo Testamento. A origem da palavra hebraica *nabi*, profeta, é controversa, podendo derivar, por exemplo, da raiz árabe *nabaʾa*, anunciar, ou do acadiano *nabû*, chamar (Culver, 2000, p. 1998). A função essencial do profeta era ser um porta-voz de Deus, como exemplificado em Êxodo 6:28-30 e 7:13. Na narrativa, Moisés lamenta que não sabe falar bem. Por isso, Deus então constitui Arão como porta-voz de Moisés diante do faraó; Moisés será como Deus, e entregará a mensagem de Iahweh por meio de Arão, seu profeta (Ex 7:1). Como mensageiros de Deus, os profetas frequentemente repetem dizeres como “Assim diz o Senhor” (2Rs 24:23) ou “oráculo do Senhor” (Joel 2:12). Jeremias (1985, p. 183) explica: “Assim como a ordem cúltica ou jurídica é característica do sacerdote, e assim com o conselho é característica do sábio, o DABAR, a palavra, o é para o profeta”.

O texto de 1Sm 9:9 comenta que os profetas anteriormente eram chamados de videntes – do hebraico *raʾah*, ver. Eram capazes de ver aquilo que muitos não podiam ver,

e Deus lhes mostrava o que estava fazendo e o que planejava fazer em resposta aos atos do seu povo (Wright, 2016, p. 242). Por isso, podiam expressar ao povo qual era a vontade divina.

No Pentateuco, são chamados de profetas Abraão (Gn 20:7), Arão – como porta-voz de Moisés (Ex 7:1) e o próprio Moisés, de quem se fala que em Israel nunca mais fora levantado profeta semelhante (Dt 34:10). Miriã, irmã de Moisés e Arão, também é chamada de profetisa (Êx 15:20), embora não tenhamos informações sobre sua atividade profética. Em Números 12:1-2, Miriã e Arão protestam contra o casamento de Moisés e dizem que Iahweh também falava por meio deles. A morte de Miriã é mencionada, tal qual a de outros líderes, ainda que brevemente (Êx 20:1). No livro de Miqueias, lê-se Iahweh dizendo que havia enviado Moisés, Arão e Miriã para conduzir seu povo (Mq 6:4).

A segunda profetisa mencionada na Bíblia é Débora. Seu gênero é enfatizado, sendo descrita no hebraico literalmente como “mulher profetisa” (Jz 4:4), ênfase mantida pela Septuaginta. Débora julgava as questões dos israelitas (Jz 4:5), tal como fizera Moisés (Êx 18:13) e faria Samuel (1Sm 7:16). Ela convoca Baraque: “O SENHOR, o Deus de Israel, lhe ordena...” (Jz 4.6). Também vai junto à batalha.

Finalmente, o profetismo como movimento propriamente dito em Israel surge a partir da época da monarquia, sendo os profetas responsáveis por apontar o pecado dos reis e estando eles especialmente ativos em tempos de crise. Após a separação entre Reino do Norte e Reino do Sul, houve a maior produção literária do Antigo Testamento graças aos profetas. Eles “eram essencialmente *proclamadores*, usando todo o poder imaginativo da poesia” (Reinke, 2021, p. 219, grifo do autor). Nesse período viveu profetisa Hulda. Quando o Livro da Lei foi encontrado, o rei Josias enviou grande comitiva – incluindo o sumo-sacerdote Hilquias – para consultar o Senhor. O grupo se dirigiu a Hulda, que morava no bairro novo de Jerusalém (2Rs 22:14; 2Cr 34:22) e lhes entregou uma palavra de Iahweh: “Assim diz o Senhor,

o Deus de Israel...” (2Rs 22:15; 2Cr 34:23). Como afirma Hildebrandt (2008, p. 185), “Israel cria que a história foi formada e direcionada pela palavra do Senhor, que tinha o poder para trazer os planos divinos e eventos preditos à realidade”. Outra profetisa mencionada nesse período é a esposa do profeta Isaías (Is 8:3), de quem não se tem outras informações.

Por último, no período pós-exílico, há a profetisa Noadiah, descrita negativamente junto de outros profetas por Neemias como um grupo que tentava intimidá-lo (Ne 6:14).

2 PROFETISMO NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, Lucas menciona a profetisa Ana como uma mulher viúva e muito idosa, que nunca deixava o templo (Lc 2:36-37). Ela orava e jejuava dia e noite. Conhecendo o menino Jesus durante sua apresentação, ela “[...] deu graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2:38).

Finalmente, no dia de Pentecostes, após a ascensão de Jesus, línguas de fogo descem sobre os discípulos, que ficam cheios do Espírito e começam a falar em outras línguas, declarando as maravilhas de Deus (At 2:4,11). Pedro interpreta esse acontecimento conforme a profecia de Joel: “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão [...]” (Jl 2:28). Acontecimento semelhante havia se dado em Números 11, quando Iahweh coloca seu Espírito sobre as setenta autoridades reunidas, que começam a profetizar (Nm 11:25). Moisés exclama: “[...] Quem dera todo o povo do SENHOR fosse profeta e que o SENHOR pusesse o seu Espírito sobre eles!” (Nm 11:29). Para Hildebrandt (2008, p. 174), “o desejo de Moisés [...] possui uma dimensão escatológica em que a esperança se refere implicitamente ao relacionamento íntimo dos indivíduos com Iahweh [...]”.

A presença de dons proféticos também é uma constante na teologia paulina. Para Keener (2018, p. 110), “de acordo com Paulo, todos os cristãos são carismáticos, ou seja, dotados de dons especiais para edificar outros”. Em suas cartas, diversos dons são enumerados com o propósito de mostrar a interdependência dos cristãos como membros de um só corpo. O dom de profetizar é citado tanto em Romanos 12:6 quanto em 1Coríntios 12:10, e em Corinto “havia um círculo bastante bem definido de profetas reconhecidos” (Dunn, 2003, p. 655). Sabe-se que mulheres em Corinto profetizavam na assembleia cristã (1Co 11:5), de forma que se pode deduzir que elas faziam parte desse grupo de profetas. Para Paulo, Deus havia estabelecido os profetas logo após os apóstolos (1Co 12:28; Ef 4:11). Na literatura lucana, são mencionadas as filhas de Filipe, conhecidas por profetizarem (At 21:9).

3 DESDOBRAMENTOS NA TEOLOGIA

A presença de mulheres profetisas no conjunto de livros bíblicos, conforme apresentadas anteriormente, forneceu subsídios para a defesa da fala feminina pública na igreja. Exemplos desse debate estão no Quakerismo, no Metodismo, no Movimento de Santidade e no Pentecostalismo. Margaret Fell, esposa de George Fox e mãe do Quakerismo, é conhecida por ter escrito a primeira defesa, em língua inglesa, da pregação feminina: “[...] Deus não fez distinção, mas deu Seu bom Espírito, conforme lhe agradou, tanto a homens quanto a mulheres, como Débora, Hulda e Sara. [...] E Ana, a profetisa [...]. E Filipe [...] tinha quatro filhas que eram virgens e profetizavam” (Fell, 1666, p. 10).

Um século depois, Mary Bonaquet Fletcher foi a primeira pessoa a escrever uma defesa do ministério de mulheres no Metodismo. Em carta a John Wesley, apontou para Paulo falando sobre mulheres que profetizavam em 1Co 11:5. Além disso,

citou os exemplos de Maria, da mulher samaritana e de Débora, explicando que Deus muitas vezes chamava mulheres para pregar em situações extraordinárias. Como consequência, Wesley passou a frequentemente encorajar mulheres pregadoras (Chilcote, 2017).

Outro conhecido exemplo é Phoebe Palmer, mãe do Movimento de Santidade. Phoebe e sua irmã realizavam um encontro para estudos bíblicos às terças-feiras, conhecido como *Tuesday Meeting for the Promulgation of Holiness*. A princípio para mulheres, o grupo foi também aberto a homens a partir de 1840, e tornou-se modelo para outros 200 grupos espalhados mundo afora. Proeminente pregadora, Palmer esteve envolvida em um dos ministérios prisionais mais antigos dos Estados Unidos (Bruyneel, 1998). O profetizar das mulheres também foi um importante argumento em sua defesa da atuação ministerial feminina, como mostra sua obra *Promise of the Father, or A Neglected Speciality of the Last Days* (2015 [1859]). A profecia de Joel é explicitada desde a primeira página e também se torna defesa da fala feminina nas páginas que seguem:

Se o Espírito de profecia caiu sobre as filhas de Deus assim como sobre os seus filhos naquele dia, e elas falaram no meio daquela multidão reunida conforme o Espírito lhes concedia expressão, com que autoridade os anjos das igrejas restringem o uso desse dom agora? [...] Perguntemos, que justificativa você apresentará ao Cabeça da igreja, por restringir o uso deste dom de poder? Quem pode dizer quão maravilhosas as conquistas da cruz poderiam ter sido, se esse dom de profecia, na mulher, tivesse continuado em uso, como nos dias apostólicos? Quem pode dizer se há muito tempo o evangelho não poderia ter sido pregado a toda criatura? Evidentemente, esta era uma característica especial dos últimos dias, conforme exposto pela profecia de Joel. Sob a antiga dispensação, embora houvesse uma Miriã, uma Débora,

uma Hulda e uma Ana, que eram profetisas, a especial efusão do Espírito sobre as filhas de Deus, assim como sobre os seus filhos, parece ter sido reservada como uma característica dos últimos dias. [...] E esse dom de profecia, concedido a todos, continuou e foi reconhecido em todas as primeiras eras do Cristianismo. O ministério da Palavra não estava confinado aos apóstolos (p. 22-32, tradução nossa).

Encontramos semelhante argumentação feita por Catherine Booth, co-fundadora Exército da Salvação, em sua obra *Female Ministry; or Woman's right to preach the gospel* (1909):

E descobrimos pela história da Igreja que os cristãos primitivos assim o entenderam; pois temos provas incontesteáveis de que as mulheres de fato falaram e pregaram entre eles. Deus havia prometido nos últimos dias derramar Seu Espírito sobre toda carne, e que as filhas, assim como os filhos da humanidade, profetizariam. E Pedro diz de forma muito enfática, a respeito da efusão do Espírito no dia de Pentecostes: 'Isto é o que foi dito pelo profeta Joel' etc. (Atos 2:16-18). Palavras mais explícitas e uma aplicação de profecia mais direta do que esta não ocorrem dentro do âmbito do Novo Testamento (p. 12, tradução nossa).

A ênfase na profecia de Joel concretizada no Pentecostes não é exclusividade da teologia de língua inglesa. Frida Vingren, em seu texto *Deus mobilizando as suas tropas*, publicado em 1º de fevereiro de 1931 no jornal *Mensageiro da Paz*, fala a respeito da capacitação do Espírito Santo para a evangelização: "O mandato do Mestre foi este: 'Ide, por todo o mundo, pregae o e Evangelho a toda criatura'. Mas, os seus enviados necessitavam de poder; por isso, foi-lhes dito: 'fícae em Jersualém, até que do alto sejaes revestidos de poder'" (VINGREN, 1931, p. 3). Assim, no Pentecostes os discípulos foram revestidos de força, e "sahiram como 'testemunhas de fogo', por toda a parte, falando de Jesus

e da Sua Salvação” (p. 3). Vingren se pergunta se Deus ainda está mobilizando suas tropas, e então responde que sim, pois Jesus ainda está derramando seu Espírito. Por isso, ela convoca suas irmãs ao trabalho, dando o exemplo das irmãs suecas:

As irmãs das 'assembléas de Deus', que igualmente, como os irmãos tem recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. [...] Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda a parte anunciando o Evangelho, entrando em logares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde ha uma porta aberta (p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Deus de Israel procurou revelar-se através de seus intermediários, entre eles, os profetas e as profetisas, sendo eles seus mensageiros e porta-vozes. No evento do Pentecostes cristão, o Espírito Santo desceu tanto sobre homens quanto mulheres. Na Igreja, o Espírito também distribui seus dons conforme deseja, sendo um deles o da profecia. A partir desses argumentos, a fala pública feminina na igreja vem sendo defendida nos últimos séculos, contrapondo tanto certas tradições teológicas quanto pensadores seculares, como nos mostram Margaret Fell, Mary Bonaquet Fletcher, Phoebe Palmer, Catherine Booth e Frida Vingren, motivadas pela proclamação do Evangelho em seus dias. Se mulheres nas Escrituras foram mensageiras de Deus, nada as impede de proclamar sua palavra nos dias de hoje.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro**. Viçosa: Ultimato, 2022.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Vários tradutores. Coordenação Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2001-2006.

ARISTÓTELES. **Política**. Trad. António Campelo Amaral; Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Ed. Vega, 1998.

BOOTH, Catherine. **Female Ministry; or Woman's right to preach the gospel**. The Salvation Army Book Department: Londres, 1909.

BOTTÉRO, Jean. **Religion in ancient Mesopotamia**. The University of Chicago Press: Chicago/London, 2001.

BRUYNEEL, Sally. PHOEBE PALMER: mother of the holiness movement. **Priscilla Papers**, Minneapolis, v. 12, n. 2, p. 1-3, mar. 1998.

CARVALHO, O. L. de. Memória coletiva e pentecostalismo - Frida Vingren, a pioneira esquecida. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/6442>. Acesso em: 29 maio. 2024.

CHILCOTE, Paul W. **The Methodist Defense of Women in Ministry: A Documentary History**. Eugene: Cascade, 2017.

CULVER, Robert D. Profetizar. In: HARRIS, R. Larid et al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 904-906.

DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

FELL, Margaret. **Womens Speaking Justified, Proved and Allowed of by the Scriptures**. Londres, 1666.

HILDEBRANDT, Wilf. **Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento**. Tradução de Êlcio Bernadino Correia. São Paulo: Academia Cristã/Loyola, 2008.

IMES, Carmen Joy. **Bearing God's Name: Why Sinai still matters**. Downers Grove: IVP, 2019.

JEREMIAS, Jörg. A autoridade dos profetas no Antigo Testamento. In: KORNDÖRFER, Geraldo; SCHLUPP, Walter O (org.). **Profetismo: coletânea de estudos**. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 181-202.

KARANT-NUNN, Susan; WIESNER-HANKS, Merry E (ed.). **Luther on Women: A Sourcebook**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

PALMER, Phoebe. **Promise of the Father**. Eugene: Wipf and Stock, 2015.

PLUTARCO. **Coniugalia Praecepta**. London: George Bell and Sons, 1890. Tradução de Arthur Richard Shilleto, p. 78.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

_____. **O Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

_____. **Teologia do Antigo Testamento para cristãos**. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento**. Tradução de Cecília Eller. São